

AS CORES PERCEBIDAS POR CEGOS CONGÊNITOS: AMPLIANDO O HORIZONTE DA AUDIODESCRIÇÃO

JOANA DE ALMEIDA KONZGEN ¹; MARISA HELENA DEGASPERI ³

¹Universidade Federal de Pelotas – joanakonzgen@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – mhdufpel2012@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma apresentação do projeto de pesquisa “Percepção de cores de pessoas com cegueira congênita ou adquirida na primeira infância” desenvolvido no âmbito do Curso de Bacharelado em Letras, Tradução. O projeto, tem como objetivo o estudo e análise de aspectos referentes à percepção visual de pessoas cegas em suas relações idiossincráticas e culturais. É um projeto contíguo a outros projetos já finalizados que trouxeram informações importantes sobre construções imagéticas de pessoas com deficiência visual e a atividade de audiodescrição: 1. Representações mentais e descrição de elementos abstratos em pessoas com deficiência visual (PDV); 2. Consciência visual: mais um degrau nos estudos de audiodescrição. O projeto deste trabalho, ocorre simultaneamente com outro, denominado: Percepção visual e Prática da Acessibilidade visual - Consciência e competências. Todos esses projetos, como este que se apresenta, estão fundamentados na Psicolinguística Cognitiva (Poersch, 2013a), apoiada pelas teorias Conexionistas, de base neurocientífica (Eysenck e Keane, 1994; McClelland e Rumelhart, 1996; Plunkett, 2000; Poersch, 2013b).

A convergência desses projetos tem uma finalidade, que é de aperfeiçoar a formação de audiodescritores, convergindo conhecimentos de percepções de pessoas cegas às percepções dos audiodescritores em formação.

O projeto deste estudo tem por finalidade constituir um inventário para utilização das informações na elaboração de produtos visuais por audiodescritores, pesquisadores de audiodescrição e de outras áreas afins.

Especificar esta particularidade -a cegueira ser congênita, ou seja, desde o nascimento, ou adquirida na primeira infância- é importante, pois garante que a percepção das cores por esses indivíduos não seja afetada pela lembrança das cores visuais, o que pode ocorrer caso a cegueira tenha sido adquirida na adolescência ou vida adulta, por exemplo. Por este motivo, a pesquisa limitou os sujeitos para coleta de dados, como cegos congênitos ou que adquiriram a cegueira até os cinco anos de idade. Entende-se que na primeira infância a criança ainda não constituiu memória visual suficiente para identificar cores, o que, para ela, é um elemento abstrato.

Reúnem-se, desta forma, no projeto em questão, dados relevantes de projetos anteriores e de como os cegos congênitos percebem as cores, de modo a potencializar informações para o projeto final.

A cor é um elemento estudado por diversas ciências, e a definição atribuída por cada uma das ciências que a estuda é capaz de esclarecer a respeito de como os seres humanos percebem as cores.

De acordo com a neuropsicologia, cores são atributos superficiais das coisas. (DAVIDOFF, 2009.) Ao mesmo tempo, segundo a psicolinguística cognitiva, as cores são conceitos, relacionados à experiência dos indivíduos. (Kim, Aheimer, Manrara e Bedny, 2021). Estes estudos, afirmam que a percepção de cores por pessoas cegas ocorre no mesmo local do cérebro no qual

são acionados os conceitos abstratos; portanto, eles não possuem uma informação sensorial (visual) atrelada especificamente à cor.

Assim sendo, o trabalho visa o levantamento das informações a respeito da percepção de cores de pessoas cegas, buscando aspectos intrínsecos da vida cotidiana dos sujeitos, para identificar possíveis padrões e, assim, criar um inventário de conceitos na identificação de cores, possíveis de ser utilizados por audiodescritores e produtores de materiais acessíveis, para que levem até a pessoa cega a melhor e mais abrangente compreensão de características dos objetos em materiais visuais descritos, em especial, as cores.

2. METODOLOGIA

A metodologia de trabalho está organizada em etapas, a seguir:

1. Realização de pesquisa bibliográfica sobre percepção de cores em pessoas cegas. Este é um requisito *sine qua non* de toda pesquisa científica. Através dos estudos, notadamente, levantam-se os arrimos que sustentam todo tipo de investigação.
2. Criação de uma rede internacional de colaboração entre pesquisadores, docentes, pessoas cegas, familiares de pessoas cegas, etc. para coleta de informações e dados. Esta rede, ainda que dependa de intercâmbios, às vezes, árduo, de contato, entrosamento e interesse das partes interconectadas, faz-se necessária para que a coleta de dados seja proveitosa e alcance os objetivos propostos.
3. Coleta de dados sobre aplicações pedagógicas para percepção de cores, no ensino de pessoas cegas. Estes dados serão importantes para a compreensão do processo de aquisição de conceitos abstratos, como é o caso das cores.
4. Estudo sobre uso de recursos pedagógicos para percepção de cores por pessoas cegas. Além do processo de ensino-aprendizagem de cores dos sujeitos cegos, este estudo se faz necessário porque todo o processo é elaborado utilizando-se de recursos materiais que, portanto, serão indispensáveis no entendimento do processo.
5. Levantamento de dados através de entrevistas e de técnicas de aplicação de questionários (em 3 idiomas, inicialmente), com pessoas cegas e com pessoas envolvidas em trabalhos com cegos. Considerando que os estudos sobre produções de materiais acessíveis devem sempre partir de características fundamentais fornecidas pelos usuários, entende-se que é deles que devem vir as informações necessárias para que os produtores possam decidir que recursos usar nessas produções.
6. Produção de um inventário para a criação de um banco de dados. Considera-se nesse trabalho que os dados coletados, analisados e categorizados, por sua complexidade de exploração, devem ser socializados com outros profissionais que se interessam ou que atuam na área de acessibilidade visual. Essa meta deveria ser também a de toda pesquisa que envolvesse dados complexos. Dessa forma, entende-se que sua disponibilização, através de um website, de forma gratuita, poderá cumprir sua função social e, ao mesmo tempo, contemplar novas pesquisas futuras, referentes à temática envolvida.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os primeiros resultados, ainda incipientes, oferecem dados não previstos, relacionados com aspectos culturais e idiossincráticos em sujeitos do Brasil, de

Portugal e de países de língua espanhola (Panamá, Colômbia e Espanha), como se verifica nos gráficos abaixo:

RELAÇÕES IMPREVISÍVEIS - RECUPERAÇÃO IMAGÉTICA, ALIMENTOS, TEXTURA, NATUREZA							
PAÍS/CORES		AMARELO Girassóis	VERMELHO Amapola (flor)	AZUL Mirtilo	VERDE Maçã	BRANCO Vestido de noiva Nata	PRETO Amoras
CULTURAIS SOCIAIS	Espanha						
	Colômbia	Abóbora	X	X	Maçã	X	X
	Panamá	X	X	X	X	X	
IDIOSSINCÁRICAS (PREF. PESS.)	Espanha	Bicho de pelúcia	X	X	X	X	X
	Colômbia	X	X	Bolo de festa	X	X	
	Panamá	X	Doces		Macarrão fininho		Bolachas Oreo
CULTURAIS SOCIAIS	Brasil	Roupa de bebê (Unisex)	X	X	X	Noiva Uniforme Médico Cor da pele	Luto
	Portugal	X	X	X	X	X	Telhados Paredes Roupa Fúnebre
IDIOSSINCÁRICAS (PREF. PESS.)	Brasil	Cor na bandeira do Brasil	Carro	Fusca	Bandeira do Brasil Roupa de criança	X	Vasco (Fut.) Meu cabelo
	Portugal	Clube de Futebol Benfica	X	X	Fruta não madura Clube de Futebol Benfica	X	X

Figura I – Quadro de dados iniciais de referências culturais e idiossincráticas encontrados nas respostas dos questionários em português e em espanhol.

Estas relações podem ser consideradas pelas experiências regionais (culturais) e particulares (idiossincráticas) dos indivíduos. As primeiras, pela imagética construída no local e compartilhada pelos viventes e as segundas, pela vivência individual com o próprio objeto imaginado.

É importante destacar, em relação ao aspecto cultural que determinados elementos elencados são encontrados especificamente em alguns lugares (como, por exemplo, a Amapola, o Mirtilo e as amoras), em detrimento de outros, o que justifica a lembrança não compartilhada.

As preferências pessoais, expõem-se através de símbolos (bandeiras de times de futebol) e objetos pessoais (carros, roupas e bicho de pelúcia) e até parte do corpo (meu cabelo).

Os dados coletados até o momento ainda são exíguos, tendo em vista que os questionários foram disponibilizados recentemente e houve pouco retorno, porém, já há possibilidade de entender que, tanto a cultura local como as experiências individuais influenciam no pensamento imagético de pessoas cegas congênitas.

4. CONCLUSÕES

Com este trabalho, as informações que serão de suma importância para a construção de uma base de dados no ciberespaço para disponibilização ao público alvo, ou seja, profissionais da acessibilidade visual e pesquisadores. Os dados levantados construirão um banco de livre acesso, além de ampliar o conhecimento existente a respeito do tema, disponibilizando novas informações para as produções a respeito da temática. Esses dados poderão apontar, de uma maneira ampla, os parâmetros responsáveis pela percepção de fatores considerados única e exclusivamente visuais, compreendendo que as cores podem ser percebidas diferentemente por pessoas cegas e normovisuais, a partir da observação dos aspectos individuais da compreensão das cores por pessoas cegas. Poderão, também, servir como base para a produção de materiais acessíveis mais eficientes, no que tange a acessibilidade visual e para futuras pesquisas referentes da área e de outras áreas afins.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIDOFF, J. **A neuropsicologia da cor**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

EYSENCK, M.W., & KEANE, M.T. (1994). **Psicologia cognitiva: Um manual introdutório**. Porto Alegre: Artes Médicas KIM, J.S.; AHEIMER, B.; MANRARA, V.M.;

KIM, Judy Sein; AHEIMER, Brianna; MANRARA, Verónica Montané; BEDNY, Marina. Shared understanding of color among sighted and blind adults. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, National Academy of Science. University of Michigan, Ann Arbor, MI. Online ISSN 1091-6490, v. 118, n.33, May, 2021. Disponível em: <https://www.pnas.org/doi/full/10.1073/pnas.2020192118>

MCCLELLAND, J.L.; RUMELHART, D.E. and the PDP Research Group (1986). **Parallel Distributed Processing: Explorations in the Microstructure of Cognition**. Volume 2: Psychological and Biological Models, Cambridge, MA: MIT Press, ISBN 978-0262631105

CÂMARA, Fernando Portela. Introdução ao Conexionismo. Em: PICCININI, Walmor J., **Psychiatry On-line Brazil**, Vol. 22 - Novembro de 2017. Disponível em:

PLUNKETT, Kim. O conexionismo hoje. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 35, n. 4, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/14797>. Acesso em: 21 set. 2023.

POERSCH, J. M. Psicolinguística, uma ciência multidisciplinar ou uma ciência conectada multidisciplinarmente? **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 30, n. 2, 2013a. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15652>. Acesso em: 21 set. 2023.

POERSCH, J. M. A apropriação do saber linguístico: uma visão conexionista (Abertura mesa-redonda). **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 36, n. 3, 2013b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14593>. Acesso em: 21 set. 2023.